

Salvem os ricos



Rui Tavares

Respirem fundo enquanto ainda conseguirmos encontrar piada nisto. Em Portugal, o programa de humor *Os Contemporâneos* lançou uma paródia às canções de Natal que juntam artistas solidários e chamou-lhe *Salvem os Ricos*. Os jovens portugueses, que ganham 500 euros a recibo verde e não podem arriscar adoecer, exteriorizam pelo humor o espanto de ver o Estado ajudar bancos com o dinheiro que supostamente não havia para universidades, jardins ou transportes públicos.

Olhando para os jovens gregos, porém, fica claro que basta um pequeno rastilho para a situação perder a graça. Diz-se que esta é a primeira revolta da geração precária. Talvez seja a segunda: nos motins dos subúrbios franceses foi fácil disfarçar a coisa com uma conversa sobre os filhos dos imigrantes, o multiculturalismo e o “politicamente correcto” – a tralha do costume. Agora que se trata de jovens gregos de gema já não dá para disfarçar. Fica claro que nesta Europa de “Primeiro Mundo” há muita gente – jovem ou menos jovem, imigrante ou nativo, desempregado ou

precário – que se sente fora do contrato social. Em Portugal, acrescentemos-lhe ainda os idosos e os pobres, o interior e os subúrbios.

É muita gente do lado de fora. Enquanto a economia crescia, foi-lhes dito que os benefícios não eram para eles. Era preciso manter a competitividade. Agora – quando a economia recua – dizem-lhes que é preciso salvar o sistema financeiro para evitar o pior. E, se querem mesmo saber, não deixa de ser verdade. Mas não nos digam que a história acaba aqui. Daqui para a frente, vai ser preciso tratar da sociedade antes de tratar do “mercado”.

Não precisamos do exemplo grego para saber que uma crise pode desembocar em coisas muito feias.

Nos anos 30, com a ajuda da Grande Depressão, grande parte do mundo vivia sob ditaduras e acabou numa guerra mundial.

Um historiador deve sempre notar que as comparações com outras épocas – mesmo as

Enquanto a economia crescia, foi-lhes dito que os benefícios não eram para eles. Era preciso manter a competitividade. Agora – quando a economia recua – dizem-lhes que é preciso salvar o sistema financeiro

simplificadas como esta – são apenas para usar e nunca para abusar. Desta quero apenas extrair um ensinamento: a irresponsabilidade dos políticos, a ditadura e a guerra não foram o único caminho. De formas diferentes – com Roosevelt nos EUA, a Frente Popular em França, a Social-Democracia na Escandinávia e (sim) o conservadorismo de Churchill em Inglaterra – houve quem conseguisse refazer o Contrato Social de forma a incluir toda a gente, não desperdiçar capacidade produtiva e relançar os alicerces do futuro para os seus países.

O que estes líderes tinham em comum era a coragem. Mas a principal coragem que eles tiveram foi a coragem de ir contra os seus próprios hábitos, superar rivalidades antigas e desmanchar as ideias feitas.

Hoje vivemos numa situação muito diferente, muito mais próspera e confortável, com uma população mais informada e um mundo mais interligado. Estamos longe do desespero dos anos 30, mas há algo que podemos aprender com as pessoas que nesse tempo tentaram salvar o mundo da barbárie: a vontade de superar os papéis que nos estão atribuídos. Em Espanha, 1936, até os anarquistas aceitaram entrar no governo, e logo com a primeira mulher ministra no país – Federica Montseny. É algo que talvez os “anarquistas” gregos de hoje desconheçam. Mas sei que assustou muito mais os fascistas do que qualquer montra partida. *Historiador (ruitavares.net)*